

Cadernos *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | n° 398 | vol. 24 | 2026

**Curto-circuito dos afetos: sintomas da razão
cínica nas juventudes (Geração Floco de Neve)**

Iael de Souza

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 398 | vol. 24 | 2026

**Curto-circuito dos afetos:
sintomas da razão cínica nas
juventudes
(Geração Floco de Neve)**

Iael de Souza

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas
(Unicamp) e professora da Universidade Federal do Ceará (UFC)



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIV – Nº 398 – V. 24 – 2026

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Pixabay

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Revisão: Isaque Gomes Correa

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Curto-circuito dos afetos: sintomas da razão cínica nas juventudes (Geração Floco de Neve)

Iael de Souza

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas
(Unicamp) e professora da Universidade Federal do Ceará (UFC)

INTRODUÇÃO

O presente ensaio resulta da reflexão de um acontecimento numa sala de aula do ensino universitário. Faz eco com relatos de outros colegas que atuam no campo da educação, em diferentes áreas do conhecimento, evidenciando como as transformações sócio-históricas que atingem as subjetividades se manifestam nos espaços educativos, sendo percebidos por nós, professores/educadores. Em um artigo publicado no *Portal Raízes*, lemos que “professores de universidades como Yale, Oxford e Cambridge notaram que a nova geração de alunos que frequentavam suas aulas era

particularmente suscetível, não tolerante à frustração e particularmente inclinados a fazerem tempestade em copo d'água".¹

Lidar com as juventudes da Geração Z (1997-2010), também conhecida por Geração Floco de Neve ou Geração Cristal, não é uma tarefa fácil. O curto-circuito dos afetos é garantido na certa, até mesmo porque na relação professor/aluno está posto o conflito geracional como um dado real e antropológico. Ademais, considerando o atual estágio do sistema capital, ainda há o agravante da corrosão do caráter (Sennett, 2012), o qual afeta a conformação das subjetividades, propiciando as condições para o desenvolvimento da razão cínica (Safatle, 2008) como comportamento "normal", afora a condição atual do sistema capital que provoca a sensação de desmoronamento e definhamento e produz a era da depressão coletiva (Fisher, 2020).

No entanto, um adendo importante deve ser feito: precisamos considerar que as atitudes e comportamentos, o modo de ser, agir e pensar da denominada Geração Floco de Neve diz respeito a um segmento das juventudes, e não a toda ela. O recorte tem em vista as condições socioeconômicas. Trata-se, pois, daquele contingente cujos pais ou responsáveis ocupam um lugar relativamente melhor remunerado na divisão social, técnica e hierárquica do trabalho, didática e convencionalmente reconhecidos como classe média ou remediada (média-alta, média-média, média-baixa), tendo meios de proporcionar condições materiais/es-

1 "A geração 'floco de neve': pessoas sensíveis que se ofendem por tudo". *Portal Raízes*. Disponível em: <https://www.portalraizes.com/geracao-floco-de-neve/>

pirituais de existência suficientes para seus filhos, assim como nas juventudes do segmento das elites, ainda mais privilegiados.

Essa ressalva se faz necessária porque as juventudes que são parte do segmento das camadas populares e subalternas, por sua própria condição socioeconômica, são obrigadas a enfrentar as adversidades da vida muito cedo, já que são inerentes e constitutivas do seu cotidiano. Desde tenra idade se veem na urgência de aprender a lidar com as frustrações, as incertezas, as inseguranças, os medos e com os “nãos” que recebem, ao contrário dos filhos dos segmentos que vivem e têm melhores condições e meios de vida.

Logo, a menção à Geração Floco de Neve realizada neste ensaio reporta ao segmento das juventudes que têm uma condição socioeconômica menos precarizada e também daquelas mais abastadas. Além disso, é preciso considerar partes das juventudes que estão engajadas na militância dos novos movimentos sociais, muitos deles contagiados e contaminados por ideologias que alimentam certa intolerância à divergência de ideias, passando a atacar pessoas que estão do mesmo lado que eles, possíveis aliadas, transformadas, então, em inimigas, cultivando a lacração, o cancelamento e a difamação dos outros. Aqui, as condições socioeconômicas (de classe) vão para um segundo plano e o elemento determinante passa a ser a questão de gênero e raça.

Estas pessoas iniciadas na “seita” projetam “suas próprias convicções no outro, no texto e no mundo. Tudo se transforma em pretexto para a reiteração de suas crenças” (Rocha, 2021, p. 190). Um sistema de crenças é internalizado e reproduzido, servindo de

filtro para tudo que o contrapõe, tornando a pessoa imune a contestações externas, até mesmo porque estas são inadmissíveis. Mediações analíticas/reflexivas são negligenciadas e as frases de efeito, os jargões e as máximas, o par de algemas do manual da militância, tomam seu lugar, inviabilizando o diálogo e exigindo a adesão absoluta do outro ou a sua destruição realizada de várias formas.

Precisamos, urgentemente, compreender o que acontece para poder sobreviver a mais esta situação concreta. Caso contrário, correremos o risco de ser devorados pela Esfinge ao não decifrar o seu enigma. Deixar-se apoderar pela sensação de impotência resultará em nossa morte simbólica, quiçá psicológica e mesmo física. Decifra-me ou te devoro!

SINTOMAS MÓRBIDOS

Ingmar Bergman dirigiu o filme *O Ovo da Serpente*, estreado em 1977. O título faz menção ao nascimento de algo terrível, mas que não é sentido/percebido assim à primeira vista. Nesse meio tempo, o mal está sendo gestado, mas sua aparência engana e oculta sua verdadeira natureza.

No caso das juventudes que representam a Geração Z, uma vez que quebra e derrete com um simples toque, os sintomas mórbidos que irão gestar seu ovo da serpente, que eclodirá na última década do século XX, são sentidos já na década de 1970 com a primeira grande crise estrutural do capital.

O fim do sonho da mobilidade social e estabilidade econômico-financeira, da casa própria, do emprego com plano de carreira assegurado irá atingir como um

tsunami essa geração, a qual terá de conviver com o desemprego estrutural, com as inseguranças, incertezas e angústias das flutuações do mercado de trabalho e da estrutura produtiva, obrigada a se adaptar constantemente às renovadas exigências da acumulação capitalista em escala planetária, afetando os vários Estados-nação de forma particularizada.

As mutações pelas quais passam as subjetividades, exigidas pelas metamorfoses do sistema capital mundial e sua estrutura produtiva, afetarão também o caráter dessa geração, sua visão de mundo, comportamentos e atitudes, bem como a construção de seus valores e seu processo de valoração, finalmente materializados no modo como estabelecem suas relações sociais. Um oceano de descaracterização desumanizadora engole a Geração Z, então fragilizada, vulnerabilizada, corroída no caráter, perdida para si mesma, míope às suas agruras e às razões de suas dores e mazelas.

Aqui, procuramos traçar um panorama desse des-caminho do caminhar da Geração Z, buscando nos apropriar das condições e circunstâncias que produziram sua trágica situação concreta para que, compreendendo, possamos lidar melhor com ela e convidá-la a fazer uma avaliação do próprio percurso a fim de tentar corrigi-lo enquanto ainda há tempo. Afinal, a esperança nos leva ao esperar, a capacidade de imaginar uma outra situação, um outro futuro. A esperança acaba por nos alimentar e fortalecer para ensaiar ações no presente colapsante em que tudo parece ruir.

O FIO DA MEADA – SOBRE AS GERAÇÕES...

Ao problematizarmos um problema buscamos necessariamente uma resposta que nos permita avançar em nossa compreensão de mundo para melhor lidar com ele. A primeira ação invariavelmente tomada é ir atrás de informações a seu respeito; como se trata de avaliá-lo cientificamente, é necessário realizar pesquisas bibliográficas que permitam construir um conhecimento rigoroso, histórico, de totalidade do assunto. Outras fontes também são consultadas, como entrevistas, *podcast* e vídeos.

Não foi encontrada uma análise metódica sobre a temática. Assistimos alguns vídeos no YouTube, como: Linhas Cruzadas – Geração Floco de Neve, com Luiz Felipe Pondé; Psicast – Episódio 02, “Geração Floco de Neve”, de Carmen Lúcia Göbel Coelho; TV Câmera São Paulo, Clipping Eletrônico: Geração Floco de Neve; e Geração Floco de Neve, de Carmen Lucia Göbel Coelho. Não foi encontrado nenhum livro de Pondé sobre o assunto. Compramos dois livros citados por uma convidada de Carmen Lucia, intitulados *A geração do quarto*, de Hugo Monteiro Ferreira, e *Como criar um adulto*, de Julie Lythcott-Haims. Adquirimos também um terceiro livro citado por Carmen Lucia, intitulado *A geração ansiosa*, de Jonathan Haidt.

Também comprei e li um outro livro, embora com muita suspeição, confirmada quando do recebimento, denominado *Cicatrizes: os desafios de amadurecer no século 21*, de Sidnei Oliveira. As referências da “obra” são decepcionantes e estereotipadas, mas não surpreendentes, dado que fazem jus à biografia do autor: “mentor, escritor e consultor de carreira, *expert* em conflitos de gerações, formação de mentores e no

exercício da mentoria para o desenvolvimento de jovens potenciais”. Enfim, algo se aproveita, mas é um insulto aos pesquisadores que se esforçam para tratar as referências com rigor. É bom frisar que no circuito editorial há vários tipos de editoras, correspondentes aos interesses e necessidades dos segmentos de uma ou outra classe social.

Também realizei um levantamento na internet via Google para verificar o que encontrava com os descritores “geração floco de neve”, “geração cristal”. Entre os achados, muitas informações se repetem, mas também há aspectos interessantes, utilizados no decorrer deste escrito. Não foi encontrado nenhum artigo científico em português sobre a problemática, apenas matérias em *sites*.

Exposto o procedimento adotado, entremos na utilização dada ao termo “geração” a partir da década de 1950. Antes, porém, é lícito ressaltar que não irei discorrer aqui sobre sua etimologia, mas sim sobre o contexto histórico-social da década mencionada que o significa.

O padrão fordista-taylorista de produção e sua consequente organização urbano-industrial se mundializam com maior intensidade após a Segunda Guerra Mundial por meio da transnacionalização dos complexos industriais, dinamizando as atividades produtivas e de serviços e toda a infraestrutura urbana dos territórios onde se instala. Na Europa e na América do Norte, ocorre um aumento geométrico de nascimentos, impactando a dinâmica da vida social. Sociólogos, antropólogos e profissionais do *marketing*, publicidade e comunicação em geral adotam a designação “geração

baby bommers” para se referir à explosão demográfica pós-1945 (*baby boom*), numa compensação às mortes pela guerra.

O atributo geracional passa a ser adotado pelos vários segmentos do mercado e do sistema capitalista (órgãos e instituições sociais, organismos multilaterais etc.).

Consultores a utilizam para classificar e analisar funcionários de uma empresa. Profissionais do *marketing* fazem pesquisas com base nela para detectar padrões de consumo. Meios de comunicação estampam as classificações geracionais em suas manchetes, na tentativa de antecipar a próxima tendência.²

A partir daí, novos adjetivos vão surgindo para enfatizar as características gerais comuns às gerações posteriores, num espaçamento temporal de quinze anos. Temos, assim, a seguinte classificação: a) Geração *Baby Bombers*, de 1949 a 1964; b) Geração X, de 1965 a 1980; d) Geração Y ou *Millennial*, também conhecidos por nativos digitais, de 1981 a 1996; e) Geração Z, de 1997 a 2010; f) Geração Alfa, de 2010 a 2024; g) Geração Beta, de 2025 a 2040 (embora haja discordâncias).³

Como alertado anteriormente, essas classificações gerais se aplicam aos segmentos econômicos sociais com melhor colocação e remuneração na divisão social, técnica e hierárquica do trabalho, e não à totalidade das classes sociais. Afinal, para o mercado capitalista, *existe*

2 “O mito das gerações”, *Super-Interessante*, novembro 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/o-mito-das-geracoes/>

3 “Geração X, Y, Z e Alfa: como cada uma se comporta e aprende”. *BEI Educação*. Disponível em: <https://www.beieducacao.com.br/2021/03/09/geracoes-x-y-z-e-alfa-como-cada-uma-se-comporta-e-aprende/>

quem *pode consumir de modo substantivo*. Aqueles(as) que estão no nível de subsistência mínima não entram nas estatísticas porque o peso também é mínimo.

Desta feita,

[...] a situação de classe e a situação geracional (o pertencimento mútuo a anos de nascimento próximos) têm em comum – como consequência de uma posição específica ocupada pelos indivíduos por ela atingidos no espaço de vida sócio-histórico – a limitação desses indivíduos a um determinado campo de ação e de acontecimentos possíveis, produzindo, dessa forma, uma forma específica de viver e de pensar, uma forma específica de intervenção no processo histórico (Mannheim, 1982, p. 72).

É assim que o recorte geracional é usado para explicar os comportamentos, a visão de mundo, os sentimentos, enfim, o modo de ser, agir, pensar, sentir de um determinado contingente humano, num determinado período de tempo convencionalmente determinado, considerando o conjunto dos fatos histórico-sociais que os condicionam e determinam, possibilitando uma apropriação e aproximação mais adequada para a compreensão desses mesmos fatos e fenômenos histórico-sociais. Não se trata de um dado absoluto, mas sim de uma das mediações possíveis para a retotalização da totalidade social visando à construção da compreensão das mudanças sociais em curso.

No caso em questão, tratar-se-á das gerações Y, Z e Alfa, já que elas têm em comum, com maior ou menor intensidade, os traços da denominada “Geração Floco de Neve”, englobando o período de 1990 a 2024. Ainda assim, frisa-se que “nem todas as pessoas que nasceram no fim do século XX e vivem ligadas à internet ti-

ram *selfie*, não trabalham, não estudam ou apresentam comportamentos perigosos, adoecimentos emocionais e/ou mentais” (Ferreira, 2023, p. 43-44).

GERAÇÃO FLOCO DE NEVE

A nomenclatura geralmente é tributada ao filme *Clube da Luta* (1999), uma adaptação do romance de Chuck Palahniuk (1996), com o mesmo título, pelo roteirista Jim Uhls. Eis a fala do personagem principal, interpretado por Brad Pitt: “Vocês não são especiais. Vocês não são um floco de neve único e belo. Vocês são a mesma matéria orgânica em decomposição que todo o resto”.

Quais são os fatos histórico-sociais mais marcantes de 1990 a 2024? O sociometabolismo do capital é essencialmente crísico, alimenta-se das crises e se metamorfoseia. A última década do século XX é a da queda do Leste Europeu (antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, já em bancarrota no fim da segunda metade da década de 1970), das transformações das esquerdas com o eurocomunismo e a social-democracia. Assiste-se, também, ao novo estágio da acumulação capitalista, por meio da financeirização da economia (Chesnais, 1996, 1998), que sobrepuja a esfera da produção industrial, reduzida a alguns países que passam a concentrar os investimentos em pesquisa, tecnologia e ciência, provocando novos arranjos na divisão internacional do trabalho entre centro e periferia do sistema capital. O desemprego estrutural torna-se avassalador com a produção flexível, toyotista e com a implementação das novas tecnologias. Mudanças são provocadas no mundo do trabalho: terciarização, terceirização, precarização, uberização, informalidade. As condições

materiais e espirituais de existência da grande maioria das pessoas, formada por trabalhadores ou desempregados, desocupados, desolados, mostram como estas convivem com as incertezas, inseguranças, angústias, aflições, desesperos, medos de uma vida cada vez mais difícil de se viver e sustentar.

Num mundo onde a filosofia de vida difundida é “cada um por si”, onde “só o mais forte sobrevive e o mais fraco perece”, regra geral da lei da “guerra de todos contra todos”, exaltando a competição, a alta *performance* e produtividade que eleva à enésima potência o individualismo, a satisfação imediata dos desejos a qualquer custo (hedonismo), o fim dos limites sociais aos indivíduos pela prevalência das decisões individuais em detrimento do social, reina a psicose como modo de subjetivação dominante, promovendo a ruptura com a realidade e o irracionalismo niilista.

Outras pestilências vieram se somar para piorar ainda mais o cenário, como é o caso da pandemia de Covid-19, que serviu para evidenciar a piora da saúde mental mundial, que já vinha em sinal de alerta desde o início do século XXI pelo aumento dos casos de ansiedade, estresse e depressão (Souza, 2020). A pandemia escancarou os pandemônios da vida social da sociedade do cansaço (Han, 2015) do capital.

A crise financeira de 2008 encurtou os períodos das crises cíclicas do capital e sua lei tendencial da queda da taxa de lucro (Mészáros, 2002). As repercussões afetam de modo cada vez mais catastrófico o mercado mundial, principalmente a política econômica dos países periféricos do Sul global. (Sobre)viver se torna cada vez mais difícil, de modo que a impossibilidade de viver vai se colocando como insustentável e a impossi-

bilidade de mudar se volta como objeto que se tem de superar para continuar a vida, como diz Sartre (1970), tornando-se uma necessidade histórica incontornável.

A política econômica neoliberal e seu projeto ideocultural-moral provoca o retrocesso, quando não a destruição, das conquistas histórico-sociais da classe trabalhadora e dos movimentos sociais por todo o globo; o redesenho do aparato do Estado jurídico-político-administrativo-ideológico-bélico e sua forma de atuação; mudanças de valores e do processo de subjetivação das subjetividades.

As novas tecnologias da informação e comunicação, as redes e mídias sociais, os *smartphones*, *tablets* e *notebooks* transformam-se nas novas cavernas (referência ao mito da caverna, de Platão) modernas (cavernas digitais), às quais estamos plugados 24 horas do dia, ininterruptamente. As mentiras, assim, têm maiores chances de se tornar verdades, e a verdade, cada vez mais, corre o risco de ser perdida e desterrada. Crescem os casos de estresse, ansiedade, exaustão, depressão, pânico, medo. Este último torna-se o afeto principal a mediar as relações humanas, abrindo espaço para o nazifascismo (Fonseca, 2021).

Ainda sobre as mídias digitais, a internet e os *smartphones*, como alertam Haidt (2024) e Ferreira (2023), seria necessária uma consciência crítica pelos pais e tutores de quando (a partir de qual faixa etária) permitir o acesso a tais recursos pelos adolescentes, com clareza das limitações a serem feitas e, por outro lado, evitar o uso de alguns deles pelas crianças até os 13 anos. Isto coloca como imprescindível a necessidade histórica impreterível de educar o educador.

Nesse sentido, as ponderações de Ferreira (2023, p. 29-30) são relevantes:

A questão que desafia os processos educacionais de crianças e adolescentes nos dias contemporâneos não é necessariamente a existência de redes sociais digitais, mas sim o fato de essas redes escancararem a ausência de espaço e tempo para ficarmos juntos, para trocarmos ideias, para brincarmos, para nos conhecermos. As redes sociais são como lupas que mostram o silenciamento dentro das casas. [...] São meninos e meninas educados, de modo geral, pela regência dos aparelhos eletrônicos, das imagens produzidas instantaneamente, das falas reproduzidas, das memórias gravadas nas nuvens. [...] O adoecimento surge dos medos. Essa geração conectada talvez esteja com medo de perder os *likes* e, por isso, evita se desconectar. A desconexão do mundo virtual pode ser a rejeição dos grupos, a não relação, a negação do que se é, o ficar por fora, o não se enturmar, o não fazer amizades, o não ter com quem partilhar suas perspectivas e seus sonhos, medos e ansiedades. [...] A geração conectada é a mesma geração que aprendeu, em casa e na escola, na sociedade de modo mais geral, que existe vida para além da vida física e que é possível viver vidas paralelas, sem que esse mundo paralelo esteja distante do mundo físico. O adoecimento advém da necessidade de substituição, de sobreposição, de exclusão, de não viver o físico para tentar melhorar a vida no plano virtual.

Cada vez mais, os adolescentes estão voltados para si mesmos como uma mônada, isolando-se fisicamente, adentrando aos seus quartos e cantos “seguros”, porque sem convívio direto, sem contato pessoal algum, quando muito apenas contato virtual, onde não é preciso manter relações duradouras, onde se pode sair

de uma conversa a qualquer momento se não gostar do que foi dito; buscar resumos e sínteses em vez de ler algo com mais substância e método científico, e assim sucessivamente.

A interlocução presencial torna-se cada vez mais difícil e problemática, dado que não se tem preocupação, muito menos paciência, para ouvir o outro. Assim, o diálogo, princípio da adesão para a interlocução, é totalmente comprometido.

O diálogo é uma ponte que conduz o ser humano ao campo das adesões. E o que é a adesão? É ser capaz de ouvir quem me fala, ainda que eu discorde do que me é dito, ainda que o que me é dito seja diferente do que eu penso, do que sinto, mas eu respeito quem diz, eu me ponho a ouvir, eu tenho adesão e não excluo a interlocução. Seria, usando outra expressão, uma espécie de campo das empatias, de tentar compreender como pensa e como sente o outro que não somos (Ferreira, 2023, p. 31).

Todas essas alterações impactaram a forma(ta)ção e desenvolvimento das gerações Y, Z e Alfa, que podem ser entendidas como gerações Floco de Neve, dado que apresentam seus principais atributos. Assim como o floco de neve, derretem, desmancham, desfazem-se com um simples toque, o que denota sua extrema fragilidade, vulnerabilidade. Entre suas características está a supervalorização do “conforto emocional” e “se ofender com maior facilidade”⁴. Vejamos outras:

4 “Geração ‘floco de neve’: [...] *Veja*, novembro 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/educacao/geracao-floco-de-neve-entenda-o-termo-que-virou-tema-de-questao-do-enem/>

Acostumou-se a tudo reclamar, a tudo problematizar, sendo suscetível a qualquer tipo de crítica. Tudo dói, tudo ofende, tudo é preconceito. Discute-se muito sobre sentimentos, o que não é ruim, mas nem tanto sobre ideias, pensamentos. [...] grande dificuldade [...] para enfrentar as frustrações, tentando empurrar a sujeira para debaixo do tapete, se descolando da realidade, ou criando uma própria. Esse comportamento não estimula o desenvolvimento da Inteligência Emocional e a resiliência necessária para enfrentar os percalços da vida [...] possibilitando o surgimento de quadros de ansiedade e depressão. [...] Aham que o mundo e a sociedade lhes devem as coisas; querem – exigem! – que seus desejos sejam atendidos.⁵

Os filhos ‘flocos de neve’ podem tudo, pois são especiais demais para ouvir um “não”, são sensíveis, se ofendem por qualquer coisa e logicamente há de ter cuidado dobrado para não machucar seus sentimentos, pois não queremos que fiquem tristes ou deprimidos. [...] Desta forma, estamos criando uma geração de egocêntricos, que acreditam que são especiais e que podem tudo. Daí eles crescerem achando que merecem ser premiados pelo simples fato de existirem, não aprendem conceitos de ética, respeito, disciplina e de que para se conquistar alguma coisa na vida é preciso lutar e trabalhar muito! Se tornam “soft”, fracos, raquíticos e vulneráveis como um floco de neve. [...] Como não aprenderam a lidar com a frustração, nem aprenderam a lutar para conquistar algo na vida, resta apenas reclamar e culpabilizar a sociedade ou o universo pelo seu fracasso pessoal, profissional e emocional.⁶

5 “O mimimi da geração floco de neve”. *Mundo Lusitana*, abril de 2021. Disponível em: <https://www.mundolusiada.com.br/o-mimimi-da-geracao-floco-de-neve/>

6 “Você conhece a geração ‘Snowflake’?” *Gazeta do Povo*, março de 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/voce-conhece-geracao-snowflake/>

[...] são frágeis, delicados e vulneráveis [...] ao menor conflito se desmoronam, se desfazem, exageram; [...] são extremamente sensíveis, sem tolerância à frustração. Uma geração do imediato, do descartável, do efêmero, do visual; uma geração exibicionista que precisa viver sua vida através da vitrine das redes sociais. Uma geração que não quer esperar, que não quer perseverar, e menos ainda que quer se esforçar.⁷

[...] exigem a criação de espaços seguros. [...] Esse medo é causado pela falta de habilidades para enfrentar o mundo, pela educação excessivamente superprotetora que receberam e que os ensinou a ver possíveis abusos em qualquer ação e a superestimar eventos negativos transformando-os em catástrofes. Isso os leva a desejarem se bloquear em uma bolha de vidro, para criar uma zona de conforto limitado onde eles se sintam seguros. [...] são mais propensos a adotar o papel das vítimas, considerando que estão todos contra ou equivocados. Desta forma, eles desenvolvem um local de controle externo, colocando a responsabilidade sobre os outros, em vez de se encarregar de suas vidas e mudar o que podem mudar. O resultado é que essas pessoas são muito mais vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos psicológicos, do estresse pós-traumático à ansiedade e à depressão. Na verdade, não é estranho que o número de transtornos de humor aumente ano após ano.⁸

7 "Geração Z: uma geração mimada?". *Ipsos*, dezembro 2023. Disponível em: <https://www.ipsos.com/en/flair-collection/gen-z-snowflake-generation>

8 "A geração 'floco de neve': pessoas sensíveis que se ofendem por tudo". *Portal Raízes*. Disponível em: <https://www.portalraizes.com/geracao-floco-de-neve/>

Essas gerações (Y, Z, Alfa) floco de neve ainda têm em comum um outro aspecto fundamental: pais ou tutores que querem educar de forma diferente de como foram educados. Porém, aqueles também não sabem como educar e, invariavelmente, sentem-se perdidos.

Pais e mães [...] ausentes, sentem-se culpados. A culpa por não estar presente no cotidiano de seus filhos pode levá-los a tentar compensar a ausência com permissividade, e acabam sendo desatentos nas orientações e indecisos nas ocasiões em que o limite os chama. Tornam-se pais que não sabem como educar as crianças e como lidar com os desafios da adolescência. [Há um] certo despreparo para ser pai e ser mãe. De algum modo, esses pais e essas mães não sabem como lidar com o adoecimento de seus filhos e filhas. Costumam dizer que fracassaram, e se desesperaram, atônitos. [...] O sofrimento, o adoecimento, o isolamento, a sensação de solidão de nossas crianças e nossos adolescentes nos advertem para uma questão central: nós também estamos adoecidos (Ferreira, 2023, p. 26 e 27).

Tanto mulheres (após as conquistas da década de 1950 e 1960) quanto homens trabalham em período integral e têm pouco tempo de convivência com seus filhos e filhas, transferindo a própria educação básica a terceiros (creches, escolas e outras instituições sociais). Para compensar a ausência e o não acompanhamento adequado, acabam não colocando limites e não exercitando o “não”, tratando seus rebentos como únicos, perfeitos, sensíveis e especiais. “Somos todos únicos, e não é ruim estar ciente disso, mas também devemos lembrar que essa singularidade não nos dá direitos especiais sobre os outros, já que somos todos tão únicos quanto os outros”.⁹

9 “A geração ‘flocos de neve’: pessoas sensíveis que se ofendem por

Mas vale lembrar: prestemos atenção ao fato de se tratar das juventudes daqueles segmentos econômico-sociais com melhor remuneração devido ao posto de trabalho ocupado pelos pais e, entre eles, aqueles que não precisam trabalhar, pois comandam. Como confirma Ferreira (2023, p. 26), “a terceirização dos filhos e filhas é um fenômeno mais comum da classe média pobre à alta e na classe rica do que nas classes economicamente mais vulneráveis”.

Continuando, para amenizar seu sentimento de culpa, os pais ou tutores se tornam “pais-helicóptero”, como denominam Foster Cline e Jim Fay citados por Lythcott-Haims (2016, p. 13): “aquele pai que paira sobre a criança e contraria, assim, a obrigação de educar o filho para a independência”. Observam, agenciam, intermediam.

Em todas as interações que envolvem nossos filhos e outros adultos, nós atuamos como uma terceira parte altamente participativa e, às vezes, também formidável – estamos sempre ali, presentes em carne e osso ou por meio do celular, pairando, agindo como os olhos e ouvidos das crianças (adolescentes, juventudes), prontos para antecipar problemas, arrumando papeladas e materiais, intervindo sempre que uma pergunta precisa ser formulada ou respondida. Nós não confiamos nos sistemas ou autoridades. Não confiamos na capacidade que nossos filhos têm de resolver os próprios problemas (Lythcott-Haims, 2016, p. 61).

Muitas vezes, mesmo inconscientemente, os pais ou tutores tornam-se superprotetores, perdem a capacidade de discernimento de até onde ir, de ensinar limites e responsabilidades, de cumprir tarefas e com-tudo”. *Portal Raízes*. Disponível em: <https://www.portalraizes.com/geracao-floco-de-neve/>

promissos. Isto talvez torne compreensível o sucesso do programa *Supernanny*, exibido pelo SBT entre 2006 e 2014, onde uma pessoa de fora ajuda os pais a criar uma rotina para as crianças, estabelecendo horários para os afazeres diários, organizando tarefas, criando limites, aprendendo a dizer “não” aos filhos e filhas.

Pais que superprotegem e que não dão limites a seus filhos são o pano de fundo para o desenvolvimento da Geração floco de neve [...]. A incapacidade de criar oportunidades de convívio e formar vínculos com a prole abre caminho para ceder a todos os desejos da criança a fim de sanar sua culpa pela incapacidade e incompetência de exercer a paternidade e a maternidade. [...] A superproteção (é um) encarceramento social e emocional imposto pelos pais (que) acaba prejudicando muito a socialização ao impedir a exposição dos filhos aos perigos da vida. [...] Frente a esse padrão problemático de criação parental fica fácil de entender que a Geração Mimimi (geração floco de neve) agrega um número imenso de jovens do grupo “nem-nem” (nem estuda e nem trabalha).¹⁰

Para Ulisses Natal, coordenador adjunto do curso de psicologia da PUCPR, [...] a raiz do problema está na falta de frustrações sofridas durante a infância; “As crianças precisam se frustrar. Quando os pais dizem sim para tudo, elas crescem achando que ninguém deve lhes impor limites”, diz.¹¹

10 “Você conhece a geração ‘Snowflake’?” *Gazeta do Povo*, março de 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/voce-conhece-geracao-snowflake/>

11 “Jovens adultos que não sabem ouvir ‘não’...”. *Casa Pino*, dezembro 2017. Disponível em: <https://casapino.com.br/viver-bem/comportamento/geracao-floco-de-neve-jovens-que-se-ofendem-por-pouco/>

Uma educação marcada pela superproteção pode impedir que a criança desenvolva mecanismos saudáveis de enfrentamento e tolerância à frustração. Ao serem constantemente poupadas de desafios e contratempos, essas crianças podem crescer com um senso inflado de autoimportância e uma baixa capacidade de lidar com adversidades [tornando-se] adultos que esperam que o mundo se adapte às suas necessidades, em vez de se adaptarem ao mundo. [...] A falta de exposição a experiências frustrantes durante a infância pode levar ao desenvolvimento de indivíduos com baixa resiliência emocional. Essas pessoas podem apresentar dificuldades em lidar com críticas, rejeições ou qualquer forma de oposição, interpretando-as como ataques pessoais. Além disso, podem desenvolver uma visão de mundo maniqueísta, onde qualquer discordância é vista como uma ameaça.¹²

Da ótica freudiana, estamos diante de egos frágeis, moldados por superproteção, baixa tolerância à frustração e excesso de validação. Resultado? Ansiedade, insegurança e dificuldade de lidar com o real.¹³

O resultado de um estilo de parentesco superprotetivo, que vê o perigo em todos os lugares e promove um sentido exagerado de “eu”, são pessoas que não possuem habilidades necessárias para enfrentar o mundo real.¹⁴

12 “Geração Floco de Neve: a fragilidade contemporânea”. *Online Psicanálise*. Disponível em: <https://onlinepsicanalise.com.br/geracao-floco-de-neve-a-fragilidade-contemporanea/>

13 “Geração floco de neve: frágil ou narcisista?” *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJDTXqLskmJ/>

14 “A geração ‘floco de neve’: pessoas sensíveis que se ofendem por tudo”. *Portal Raízes*. Disponível em: <https://www.portalraizes.com/geracao-floco-de-neve/>

No fim, as gerações que cultivam e (des)educam as juventudes das novas gerações acabam sendo os mesmos e vivendo como os seus pais, como diz a canção *Como Nossos Pais*, de Belchior, ainda que o objetivo propulsor fosse ser o seu contrário. São tão perdidos quanto foram os seus pais, senão ainda mais. Ademais, acabam sendo tão adolescentes quanto os próprios filhos.

Também devem-se considerar as mutações ocorridas na família relativas ao seu desenho tradicional, socialmente aceito. Não se trata mais de pai, mãe e filhos(as). Tem-se pai, pai e filhos(as); mãe, mãe e filhos(as); pais e mães divorciados com a guarda dos(as) filhos(as) e daí em diante. A partir de 1960, nomeiam-se essas famílias como contemporâneas ou pós-modernas. “[Unem-se], ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual. A transmissão da autoridade vai se tornando cada vez mais problemática à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam” (Roudinesco, 2013, p. 19).

Ferreira (2023, p. 37-39), comentando acerca do assunto, diz:

Nas diversas configurações familiares que advêm depois da nominada família contemporânea, entendemos que um traço se destaca nesses modelos: há uma fragilidade emocional nos membros familiares que repercute tanto nos adultos quanto nas crianças e nos adolescentes, gerando adoecimentos emocionais, comportamentos perigosos e, em casos mais aprofundados, distúrbios mentais. [...] A “família em desordem”, para além das outras características, traz o adoecimento de crianças, adolescentes e jovens como uma de suas marcas. [...] É uma família sazonal, vo-

látil, oscilante, imprevisível, multifacetada e dinâmica, ao tempo que é adoecida emocionalmente. É possível que se percebam nessa família laços afetivos em constante mutação. [...] Os pais e mães [...] não conseguem dar conta da dinâmica de suas próprias vidas intersubjetivas, e essa dificuldade tende a repercutir na vida dos filhos. [...] Há um nível de deficiência comunicacional nessa configuração familiar que afeta o desenvolvimento sadio das meninas e dos meninos. (Essas juventudes) têm uma família “na corda bamba” em que os afetos estão saturados, a violência é uma linha de conduta, e a sobrevivência é a certeza de que há pouco ou quase nada a ser feito. É uma família que também pede ajuda.

Isto talvez explique a razão para o aumento da demanda por tratamento psicológico e psiquiátrico pelas famílias contemporâneas, principalmente para as crianças, adolescentes e juventudes, já que é “difícil encontrar lucidez nos pais dessas crianças e desses adolescentes sobre as reais causas” (Ferreira, 2023, p. 41) dos comportamentos, atitudes e problemas de seus filhos e filhas.

Percebemos que os pais e as mães não querem verdadeiramente assumir as responsabilidades que lhes competem. Costumam atribuir ao acaso, e não a elementos culturais, históricos e sociais, as dores de seus filhos. Me parecem também doentes. No entanto, num nível de fuga ao real maior que o nível em que se encontram as meninas e os meninos que recorrem ao meu consultório. Acho que estamos diante de famílias adoentadas, e que os pais e as mães são os principais agentes de adoecimento dos filhos (Lira, 2015, p. 19 *apud* Ferreira, 2023, p. 41).

A sentença de Ferreira (2023, p. 42) é verídica:

Os pais estão doentes e os filhos também. O adoecimento, como previa a OMS desde o final do século XX, tem a ver com as emoções fragilizadas, encaradas como elementos de segunda ordem, não tratadas com a devida atenção. [...] Quase todos os desafios [...] têm origem no campo das emoções deseducadas e adoecidas.

A Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2024 e publicada em 2026, demonstra e comprova, em dados, o quanto as juventudes estão adoecidas.

Entre as formas encontradas por elas para “aliviar” seus sofrimentos encontra-se a automutilação. Seus corpos tornam-se o registro de suas dores, traduzem aquilo que lhes atravessa a alma. De certa forma, os corpos tornam-se, contraditoriamente, mecanismos de resistência, como exposto por Ferreira (2023, p. 94-103). Segundo sua pesquisa, nas entrevistas realizadas com crianças e adolescentes, os depoimentos dão conta de que “sentem que podem marcar seus corpos e que acreditam que essa é uma maneira solitária de não violentar ninguém. O corpo é o registro silencioso da violência pela qual passam e a qual experimentam” (Ferreira, 2023, p. 95). Porém, somente resistir não basta. Resistir não é superar, de modo que o perigo de desanimar e capitular está sempre à espreita.

Outro dado relevante da pesquisa de Ferreira (2023, p. 49) é que “a doença da depressão foi a mais citada (75%) como causa de não ligação com o mundo da família, a recusa à escola e o isolamento necessário para evitar a frustração, as discussões, as brigas, as competições, as concorrências”.

Segundo dados da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) e da Organização Mundial de Saúde (OMS), entre jovens de 15 a 29 anos, a depressão é a segunda causa de morte no mundo e a quarta no Brasil. Mais de 300 milhões de pessoas no mundo têm depressão, entre a leve e a severa. [...] Para Andrew Solomon, a depressão não é o que sentimos, mas a sensação que sentimos do que não sentimos. Isto é, um vazio que nos leva a um tempo e um espaço onde a dor nos toma o todo, dificultando a vida. [...] depressão e ansiedade andam de mãos dadas. [...] segundo o Ministério da Saúde, a depressão, seguida de suicídio, (é) a quarta causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos¹⁵ (Ferreira, 2023, p. 49, 50 e 51).

A sociabilidade capitalista, em sua fase atual do capitalismo tardio superinflado, leva os 99,9% da humanidade, composto por vendedores e vendedoras de força de trabalho – venda da qual dependem para poder consumir e, assim, existir e sobreviver, cuja faixa etária vai da mais tenra idade até a mais avançada –, às condições e meios de vida precários, precarizados e subumanos, extraindo sua força vital a cada dia como um vampiro que suga o sangue da vítima e a mantém como um zumbi para continuar obtendo seu precioso elixir, expondo-a às situações mais adversas e inimagináveis (Reforma das Leis Trabalhistas), matando-a um pouco por vez, fazendo de sua vida o próprio inferno na Terra, como se tivesse cometido todos os “pecados eternos”. Todo tempo torna-se tempo de trabalho, ainda mais com as novas tecnologias da informação e comunicação, eliminando toda e qualquer fronteira entre lar, lazer, família e trabalho. O pulso ainda pulsa? Sim,

15 Em 26 de abril de 2019 foi homologada a Lei nº 13.819 (Lei Vovó Rose), que trata da criação da Política Nacional de Prevenção à Automutilação e ao Suicídio.

ainda pulsa, mas de forma cada vez mais descompassada, em arritmia, doente, adoecido, cansado, extenuado, desfalecido.

CINISMO E CORROSÃO DO CARÁTER MANIFESTOS NAS SALAS DE AULA

Aonda do modo de idiossubjetivação das subjetividades (Casara, 2024) agravou a amplitude da dessensibilização dos indivíduos sociais e do seu desinvestimento subjetivo (Fisher, 2020) perante as situações e os problemas concretos da vida social. O cinismo, a razão cínica (Safatle, 2008), tornou-se o comportamento padrão legítimo e legitimado, corroborando a corrosão do caráter (Sennett, 2012). O cinismo não guarda nenhuma relação com a impotência reflexiva observada por Fisher (2020), já que esta reporta a uma sensação ou sentimento paralisante advindo do fato de que os indivíduos “sabem que as coisas vão mal, mas mais do que isso, ‘sabem’ que não podem fazer nada a respeito” (Fisher, 2020, p. 43). É como se se rendessem e resignassem à força imperiosa de uma predestinação. Esclarecido este aspecto, entendamos como aquele processo ocorre.

O cínico elimina o valor de qualquer regra, norma, lei social. Essa é a sua força. Ele conhece as regras, as normas e as leis, as anuncia, porém, ao mesmo tempo, negligencia-as. Seu cinismo advém do fato de ter consciência, mas age como se fosse inocente ou vítima.

As normas, regras, leis sociais perderam sua força, logo, sua legitimidade para os indivíduos sociais, os quais passam a viver conforme suas próprias crenças, ainda que ilusórias, porque presas ao fenômeno, à em-

piria, às sombras e aparências do real, que deveriam ser entendidas apenas como um dado, uma pista para desvendar e chegar à essência das próprias coisas.

Safatle (2008) diz que esse cinismo resulta do poder capaz de rir de si mesmo, onde o sarcasmo e a ironia terminam sendo o *modus vivendi* e *operandi* dos indivíduos sociais. Porém, seus excessos provocam a perda de si mesmo, de modo que os indivíduos passam a tratar de forma irônica, sarcástica seus próprios papéis sociais.

Ao analisar *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, de Shakespeare, Heller (1982) reflete sobre o artificialismo das relações sociais e interpessoais na sociabilidade capitalista, demonstrando que os indivíduos, como forma de proteger seu eu e não ser usado pelos outros, terminam sendo forçados a realizar dissimulações, produzindo máscaras sociais, cujo perigo é a perda da própria identidade pelas várias atuações desempenhadas, afastando-se de si mesmo.

Contudo, dissimular sem se infectar não é uma tarefa fácil, mas demasiadamente complexa, requerendo um autoconhecimento muito grande. O verdadeiro conhecedor dos homens é aquele que consegue diferenciar a pele da camisa, enxergando além das máscaras sociais. O uso de máscaras sociais tem dois motivos propulsores diversos: o primeiro diz respeito à prática da dissimulação defensiva, onde se protege o próprio eu dos ataques e das tentativas de manipulação/ dominação pelos outros, procurando não prejudicar a ninguém. Já o segundo reporta à dissimulação ofensiva, onde os outros são usados como meio para se atingir os próprios fins egoísticos, propagando o mal. No processo, há o perigo de enlouquecer, como ocorre com a

personagem Ofélia ao não conseguir lidar com o sentimento de culpa (crise de consciência), provocando um surto psicótico e o desligamento da realidade.

As mutações produtivas e sociais – e seus valores que orientam as ações e relações humanas – produzidas pelo atual estágio do capitalismo tardio transformaram o modo de subjetivação dos indivíduos. Ao colocar no centro os interesses e as necessidades individuais em detrimento/apagamento/desmantelamento da centralidade ontológica dos interesses e necessidades sociais – característica do mundo moderno, onde os desejos e pulsões individuais eram reprimidos e balizados pelas normas, regras, leis sociais –, criam-se as condições para a produção de um tipo de subjetivação psicótica dos indivíduos alienados da capacidade de controle sobre si mesmos por meio da racionalidade social. O irracionalismo niilista toma seu lugar e novas realidades são criadas, descolando os indivíduos da própria materialidade concreta do mundo.

Na atualidade, os novos valores e o moral que orientam e embasam as relações sociais fazem com que

[...] a proibição moral advinda das exigências normativas de socialização [dê] lugar a uma situação de flexibilização das leis, de gestão da anomia que coloca as ações não mais sob o crivo da permissão social, mas sob o crivo individual do desempenho, da *performance*, da força relativa à capacidade de sustentar demandas de satisfação irrestrita. Assim o indivíduo é confrontado a uma patologia da insuficiência e da disfuncionalidade da ação em vez de uma doença da proibição e da lei (Safatle, 2021, p. 42).

Envolto por um modo de vida tornado psicótico, as neuroses desaparecem e dão lugar à “unificação das psicoses” (Safatle, 2021, p. 40), que se transformam no modo de subjetivação dominante. Para o sujeito psicótico inexitem leis e limites. “Na psicose, o sujeito [...] é o *Um* a que tudo se refere, a exceção a qualquer norma, o lugar de onde se origina a lei. Essa onipotência internalizada pelo psicótico é um dos sinais da ruptura do sujeito com a realidade” (Casara, 2024, p. 79). Esse é o “novo homem”, o novo sujeito hodierno, mudado no coração e na alma, como requerido por um dos mantras de Margareth Thatcher: “‘Economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma’ [A mudança] teria de ser feita através de doses maciças de [...] reeducação” (Safatle, 2021, p. 24).

Subjetivação psicótica e indivíduos cínicos, cientes de suas ações e intenções, mas agindo ironicamente como se não soubessem, mesclando exigências valorativas esclarecidas e impulsos instintuais constantemente mobilizados. A ameaça de desmascarar esse jogo de aparências e máscaras causa certo pânico. Vivemos, hoje, as ideologias da ironização, detentoras de mecanismos de poder fundados no cinismo e suas figuras.

O cinismo da pessoa cínica aspira legitimidade e procura justificativa para sua conduta. Daí advém a razão cínica. Como diz Safatle (2008), para o cínico não é apenas racional ser cínico, só é possível ser racional sendo cínico, dado que o cinismo acabou por tornar-se um processo de racionalização. A crise dos valores sociais é tratada com cinismo e a pessoa cínica não sente nenhum arrebatamento de contrição por circular entre a hipocrisia e a má-fé.

A má-fé seria o mascaramento para si mesmo e a hipocrisia a insinceridade manipuladora do outro. Pela má-fé o indivíduo esconde de si mesmo aquilo que sabe, mas engana-se dizendo não saber. Sabe, mas nega que sabe, não enfrentando a si mesmo. Forja justificativas expressamente para se persuadir. Há uma fuga da consciência em direção à crença.

A pessoa que usa da hipocrisia, por sua vez, está lançando mão de uma das múltiplas máscaras da insinceridade, obliterando a particularidade do próprio interesse, sendo insincera com sua própria consciência assim como com a consciência alheia, por conseguinte, acaba agindo de má-fé. Aquele(a) que consegue fazer sua máscara cair será odiado, porque torna-se capaz de desvelar os verdadeiros interesses por trás da aparência de universalidade da fala, confrontando um texto ideológico com um texto recalcado. Aqui, os professores e professoras se tornam o alvo principal, algo que vem se acentuando no ensino universitário.

Como denuncia Casara (2024, p. 149 e 150), “míнимas contradições ou frases descontextualizadas são percebidas como microagressões”, isto pelo próprio despreparo intelectual do receptor ou por seu cinismo irônico, fazendo do outro sua tela de projeções e transferências, como tão bem explanado pela psicologia freudiana, ou então se aproveitando de condições e circunstâncias ingenuamente expostas pelo outro e distorcendo-as em benefício próprio, descarregando nesse outro suas frustrações.

As pessoas atuantes na educação terminam adotando uma postura de vigilância constante e receio em relação a sua fala, seus posicionamentos, seu ser, passando a temer o cinismo latente que espreita os es-

tudantes, ainda que nem todos sejam adeptos a ele. A sensação de estar sempre com “a pulga atrás da orelha”, sob suspeição e em suspeita, em constante estado de alerta, aumenta a ansiedade para níveis prejudiciais a sua saúde mental.

Essa geração atual e as demais gerações aqui referenciadas (Y, Z, Alfa, Beta) têm muitas das características da geração floco de neve anteriormente explicitadas. Não se trata de culpa ou responsabilidade exclusiva delas, mas, sim, de um contexto histórico-social e suas implicações na personalidade humana (Leontiev, s./d.). Afinal, os homens são *como* produzem e *aquilo* que produzem, como já alertavam Marx e Engels (2007), sendo a forma da existência o que condiciona a forma de consciência e os valores que são valorizados e cultivados.

Hoje, as medidas que precisamos tomar e a maneira como temos que viver para sobreviver na economia moderna colocam nossa vida emocional, interior, à deriva, como afirma Sennett (2012, p. 19). Causa preocupação para muitos pais “a frequente anarquia em que mergulha a família”, levando ao “abandono das crianças”, cujos cuidados são terceirizados, já que suas “necessidades não podem ser programadas para encaixar-se nas necessidades” (Sennett, 2012, p. 20) impostas pelo trabalho dos pais.

Tal situação inviabiliza o desenvolvimento e o aprendizado de uma disciplina ética pelas crianças e adolescentes por meio do exemplo dos pais, até mesmo porque esse exemplo não pode ser dado, levando em conta que os pais não podem “oferecer aos filhos a substância de sua vida de trabalho como exemplo de como eles devem conduzir-se eticamente. As qualida-

des do bom trabalho não são as mesmas do bom-caráter” (Sennett, 2012, p. 21). Isto se deve ao fato de que o novo tempo do trabalho é o da incerteza, o do curto prazo e duração, do episódico, do programado, intermitente, da agregação momentânea para atingir metas, desfeita na sequência, não havendo laços duradouros. Não há mais longo prazo. Esse é o sinal dos novos tempos do tempo de trabalho do capitalismo tardio.

Hoje, um jovem americano com pelo menos dois anos de faculdade pode esperar mudar de emprego pelo menos 11 vezes no curso do trabalho, e trocar sua aptidão básica pelo menos outras três durante os quarenta anos de trabalho. [...] Vejam a questão do compromisso e lealdade. “Não há longo prazo” é um princípio que corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo. [...] O esquema de curso prazo das instituições modernas limita o amadurecimento da confiança informal. [...] O distanciamento e a cooperatividade superficial são uma blindagem melhor para lidar com as atuais realidades que o comportamento baseado em valores de lealdade e serviço. É a dimensão do tempo do novo capitalismo [...] que mais diretamente afeta a vida emocional das pessoas fora do local de trabalho. [...] Você não imagina como me sinto idiota quando falo em compromissos mútuos com meus filhos. Para eles, é uma virtude abstrata; não a veem em parte alguma. [...] as crianças não veem o compromisso mútuo praticamente na vida dos pais ou da geração dos pais. [...] Praticado em casa, o trabalho em equipe é destrutivo, assinalando uma ausência de autoridade e de orientação firme na criação dos filhos. Ele diz que [...] tem visto muitos pais discutindo cada questão familiar até a exaustão, por receio de dizer “Não!”, pais que sabem ouvir muito bem, que entendem magnificamente, em vez de ditar a lei; em consequência [...] tem visto muitas crian-

ças desorientadas. [...] como podem (os pais) evitar que as relações familiares sucumbam ao comportamento a curto prazo, ao espírito de reunião e, acima de tudo, à fraqueza da lealdade e do compromisso mútuo que assinalam o moderno local de trabalho? (Sennett, 2012, p. 21; 23-26).

Hoje, adolescentes e juventudes estão à deriva porque derivaram ética e emocionalmente. E são eles que aderem aos “novos” movimentos sociais, em sua grande maioria identitários, porque defensores de causas particulares e específicas que inviabilizam e impedem a construção da solidariedade de classe pelo que há em comum entre os diferentes, o que concretizaria a possibilidade de produzir a universalidade. Ao contrário, “em vários ambientes, o direito de falar passou a exigir autorização segundo o gênero, a cor da pele ou a classe da pessoa. Distorce-se, com frequência, a ideia de ‘lugar de fala’ para fazer dela uma justificativa à interdição do debate e à intimidação de professores” (Casara, 2024, p. 149-150).

As juventudes dos “novos” movimentos sociais são aquelas que, regra geral, apesar de haver exceções – e ainda bem que elas existem –, trocaram a leitura metódica e sistematizada pelo YouTube e seus comunicadores/educadores/influenciadores digitais, como também pela inteligência artificial. “De modo geral, os vídeos abordam temas a partir da opinião de seus comunicadores e não demonstram fundamentação capaz de sustentar argumentos com maior e melhor aprofundamento” (Ferreira, 2023, p. 84), salvo exceções que utilizam fontes científicas.

Hoje, entre as juventudes, há um movimento de “substituição do texto pela imagem tentando, com isso, evitar a palavra escrita, favorecendo o império da palavra digital” (Andrade Filho, 2018, p. 145 *apud* Ferreira, 2023, p. 85). A ponderação de Ferreira (2023), a nosso ver, é muito apropriada quanto a isso, tanto que confluímos com ela. Ele diz: “vejo, com pesar, o abandono do livro impresso e/ou digital e o uso abusivo de informações opinativas de uma série de pessoas, em muitas ocasiões, sem aprofundamento no que dizem, sentem e pensam” (Ferreira, 2023, p. 85).

Ainda para Ferreira (2023, p. 85), a juventude “por ser denso o mundo que a cerca e a institui e que por ela, de certo modo, também é instituído, diz não querer a ‘densidade’ do livro nem a ‘densidade’ da palavra que demora. Almeja a informação rápida. Talvez por isso seja superficial, incapaz de provocar reflexões mais agudas”. Tal superficialidade as juventudes mais vulneráveis às influências ideológicas dos *slogans*, frases e jargões resumidos, sintéticos que distorcem e esvaziam a historicidade dos fatos.

As juventudes de nosso tempo, em sua grande maioria, não estudam, e quando folheiam os livros buscam citações que possam convincentemente sustentar suas crenças e idiossincrasias sem a paciência de se apropriar e compreender, de modo imanente, o pensamento e os conceitos dos autores e autoras selecionados. Lessa (2014), logo na introdução de seu livro, tece uma assertiva provocativa. Ele afirma: “Hoje, a média dos militantes revolucionários nem sequer lê os jornais diários. Entre o discurso, que afirma a importância da teoria, e a prática se interpõe um abismo. Esse discurso se resume, cada vez mais, à ideologia (no sentido de

falsa consciência) que justifica a reprodução ampliada da ignorância” (Lessa, 2014, p. 9). O desfecho é ainda mais contundente: “o movimento revolucionário se converteu em uma crise teórica sem precedentes, em que a marca da continuidade tem sido a ‘reprodução ampliada da ignorância’” (Lessa, 2014, p. 9).

Atualmente, os militantes se esmeram em reproduzir o que ouvem e não a se disciplinar ao estudo. “Sem romper”, ainda que parcialmente, “com a vida cotidiana atual, os indivíduos não conseguem se apoderar do mínimo da teoria revolucionária de modo a se capacitarem à crítica radical do mundo” (Lessa, 2014, p. 35).

A ruptura de que se trata é [decisiva]: uma ruptura prática, que se expressa em uma nova forma de organizar a vida cotidiana e que reflete o que se tornou prioritário. [...] As demandas da vida cotidiana passam por um novo filtro e são avaliadas em uma nova escala valorativa. [...] A vida não pode ser mais predominantemente impulsionada pelas demandas que emergem do *aqui e agora* – ela deve ser impulsionada pela manutenção e desenvolvimento da relação do indivíduo com a história [...] mediada pelo conhecimento da essência da reprodução social. [...] Não é possível o enriquecimento do indivíduo que advém de uma relação mais rica com a humanidade e com sua história sem que se expresse, também, no plano afetivo, no desenvolvimento de sua capacidade de sentir o mundo. [...] Nos processos de estudo, ou o indivíduo é capaz de promover a nova conexão com o gênero [humano] se elevando acima da vida cotidiana de nossos dias – ou não é capaz. [...] Em nossos dias, talvez não haja aventura maior do que a de se colocar contra a corrente, lutar cotidianamente pelo desenvolvimento pessoal em direção ao conhecimento da

essência do mundo, viver a alegria de cada conquista de terreno contra as forças do capital e, também, as dores inevitáveis quando da percepção de como nossas debilidades pessoais nos paralisam. [...] Se o militante está convicto de que [...] a luta ideológica é tão “prática” quanto a luta sindical ou política, deve começar seu processo de estudo por reorganizar sua vida cotidiana. Essa prioridade deve comparecer na vida cotidiana sob a forma de um mínimo de dez a quinze horas de estudos sistemáticos por semana, como a experiência tem indicado. [...] o estudo [...] é muito mais do que a aquisição de conhecimentos. É essencialmente um processo de autodesenvolvimento que requer e possibilita uma superior conexão com a humanidade. [...] Por melhor que sejam suas intenções, se não for capaz de estudar entre dez e quinze horas por semana, de modo consistente e estável, não terá ainda dado o primeiro passo dessa apaixonante jornada que é descobrir por que somos o que somos – e como podemos nos fazer emancipados do capital (Lessa, 2014, p. 35-38; 43).

Infelizmente, conseguiu-se agravar, nas juventudes e nas militâncias, o quadro de alergia ao estudo devido a fatores anteriormente expostos. O anti-intelectualismo triunfa também entre as esquerdas. As vivências e experiências,¹⁶ as particularidades e singularidades em si mesmas, tornam-se a centralidade para as reflexões “[...] as experiências são eventos interpessoais chamados fatos. Significam o acontecido com o sujeito. É um aspecto objetificável de um evento. As vivências são as crenças definitivas consideradas verdades. Significa as repercussões mentais e espirituais do ocorrido ou situação. São o aspecto subjetivo, jamais plenamente articulado. O diálogo entre experiências e vivências embasam a prática e o discurso sociológico” (Bauman, 2015 *apud* Silva, 2024). Logo, enquanto aspecto objetificável, as experiências não só podem como devem ser refletidas, analisadas historicamente e cientificamente para melhor compreensão dos fatos.

xões, fazendo com que se percam sua radicalidade e sua capacidade de pensar enquanto totalidade social, de forma ontoepistemológica, ao conectar as particularidades e singularidades à universalidade do real.

Como sentenciar Sennett (2012, p. 32), “as condições de tempo no novo capitalismo criaram um conflito entre caráter e experiência, a experiência do tempo desconjuntado ameaçando a capacidade das pessoas transformarem seus caracteres” em partes dialeticamente constitutivas de uma totalidade que as engloba sem as descaracterizar, sustentando-as.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curto-circuito dos afetos está dado. Tudo parece indicar que há o risco de sermos devorados pela esfinge antes que consigamos decifrar o seu enigma. “O que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo. A instabilidade pretende ser normal” (Sennett, 2012, p. 32).

A familiaridade com o absurdo deixa de causar estranhamento, e a ausência deste último promove uma conformação que se adapta às renovadas exigências do sociometabolismo do sistema capital. Esta conformação acontece, nas universidades, pelo temor ao enfrentamento, de se indispor com estudantes e pares, para evitar polêmicas, pela “boa convivência”, de modo que se vai empurrando para debaixo do tapete e silenciando sobre atitudes, comportamentos que só fazem aumentar as tensões e os conflitos entre nós (Souza, 2024), contribuindo para a normalização daquilo

que nada tem de normal, sendo, na verdade, um dos vários sintomas mórbidos que afloram das mudanças provocadas pelas rearticulações e reestruturações no *modus vivendi* e *operandi* do sistema capital, que impõe uma nova gramática e forma de exercer o poder para controle das relações sociais e de produção, como é o caso das políticas identitárias (Barros, 2024). A nova gramática e a nova maneira de exercer o poder focam em discursos, no simbólico, nas narrativas, vivências, experiências e identidades transformadas, distorcidamente, em identitárias.

Tanto pais quanto educadores, principalmente os da área da educação, parecem ter se perdido em relação aos critérios que devem orientar a formação de crianças, adolescentes e juventudes. Isto em muitos aspectos também se deve às influências das ideologias produzidas, propagadas e implementadas com as reformas educacionais desde a década de 1990, alterando a forma(ta)ção dos indivíduos sociais de acordo com as novas necessidades exigidas pelo processo da acumulação capitalista, exacerbando valores como individualismo, concorrência, produtividade, resiliência, competitividade, hedonismo, imediatismo, presenteísmo, pragmatismo, utilitarismo, inovação, empreendedorismo.

A criação de crianças, adolescentes e juventudes é drasticamente afetada, como expõe Sennett (2012) com o exemplo da vida de Rico. Tudo se esfumaça, estilhaça e oblitera, como a necessidade de limites claros; de consequências para determinadas ações que prejudicam os outros e o coletivo (o social); de aprender a lidar com as frustrações e entender que elas fazem parte da vida dos seres humanos e não há como fugir delas; da

necessidade de criar condições sociais, comuns e pressupostas a todos e todas para que se tenha uma vida digna e de qualidade para cada um; de buscar informações em fontes não duvidosas, preferencialmente, científicas-históricas, e não se basear apenas em comunicadores, influenciadores digitais e audiências de pessoas de confiança, depois reproduzidas como se fossem a verdade última; a necessidade de regras, normas de convivência para as interações humanas tendo por referência o bem comum e a vida boa para todos; além de muitos outros que poderiam ser listados e dizem respeito a uma ética humana/humanizadora e não humana/desumanizadora, como assistimos.

Saúde mental e adoecimentos, inclusive dos afetos, são mais alguns dos efeitos colaterais do estágio atual do modo de produção capitalista. É a essa compreensão que pais e educadores precisam ascender, entendendo que são múltiplas determinações que os condicionam, englobando a economia, a política, os valores, hábitos, comportamentos, atitudes propositalmente cultivadas, formando os caracteres das personalidades humanas em acordo com as metamorfoses do capital, como o caso das políticas educacionais que conformam as subjetividades.

Por fim, ou seremos capazes de realizar uma análise e reflexão de conjunto da realidade, de totalidade social ou acabaremos massacrados física, psíquica, psicológica, cognitiva e emocionalmente por todas as mazelas péfidas de um modo de vida, com extensão planetária, que intensifica e aprofunda a cada dia, há décadas e séculos, uma humanização desumanizadora, destruindo as solidariedades entre os movimentos, coletivos, grupos, segmentos, classes e nacionalidades;

a camaradagem entre lutadores(as) sociais; a ideia de social e de coletivo/comum, enfim, tudo aquilo que poderia unir as diferenças para fortificá-las em sua diversidade através de uma luta universal dos(as) oprimidos(as), explorados(as) e dominados(as). Apesar de tudo, “o pulso ainda pulsa”, ainda que sejamos lentamente devorados. Até quando seremos capazes de aguentar? O pulso ainda pulsa?! Ainda pulsa, mas num crescente e constante desfalecimento.

REFERÊNCIAS

BARROS, Douglas. **O que é identitarismo?** Prefácio Rita Von Hunty. São Paulo: Boitempo, 2024.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CHESNAIS, François. (Coord.) **A mundialização financeira: gênese, custos e riscos**. São Paulo: Xamã, 1998.

FERREIRA, Hugo Monteiro. **A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Trad. Rodrigo Gonsalves et. al. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FONSECA, Luiz Manuel Pires. **Estados de exceção: a usurpação da soberania popular**. São Paulo: Contracorrente, 2021.

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais**. Trad. Lígia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

HELLER, Agnes. **O homem do renascimento**. Lisboa: Presença, 1982.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, s/d.

LESSA, Sérgio. **O revolucionário e o estudo**. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

LYTHCOTT-HAIMS, Julie. **Como criar um adulto**: liberte-se da armadilha da superproteção e prepare seu filho para o sucesso. Trad. Hugo Langone. Rio de Janeiro: Bicicleta Amarela, 2016.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (org.). **Karl Mannheim**: sociologia. São Paulo: Ática, 1982. p. 67-95.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Supervisão editorial, Leandro Konder; tradução, Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Paulo César Castanheira; Sergio Lessa. São Paulo: Unicamp; Boitempo, 2002.

OLIVEIRA, Sidnei. **Cicatrizes**: os desafios de amadurecer no século 21. São Paulo: Integrare, 2018.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Posfácio de Cláudio Ribeiro. Goiânia: Caminhos, 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica de la razón dialéctica**. Argentina: Losada, 1970.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

SILVA, Lourdes Almeida Karoline. Prefácio. In: SOUZA, Iael de. **Guerra entre nós, paz para os senhores**: de aliados(as) a inimigos(as). Marília: Lutas Anticapital, 2024.

SOUZA, Iael de. **Guerra entre nós, paz para os senhores**: de aliados(as) a inimigos(as). Marília: Lutas Anticapital, 2024.

SOUZA, Iael de. **Alguns escritos na Quarentena da Sars-Cov-2**. Marília: Lutas Anticapital, 2020.

MATÉRIAS DIGITAIS

“A geração ‘floco de neve’: pessoas sensíveis que se ofendem por tudo”. **Portal Raízes**. Disponível em: <https://www.portal-raizes.com/geracao-floco-de-neve/>.

“Geração ‘floco de neve’: entenda o termo que virou tema de questão do Enem”. **Veja**, novembro 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/educacao/geracao-floco-de-neve-entenda-o-termo-que-virou-tema-de-questao-do-enem/>.

“Geração Floco de Neve: a fragilidade contemporânea”. **Online Psicanálise**. Disponível em: <https://onlinepsicanalise.com.br/geracao-floco-de-neve-a-fragilidade-contemporanea/>.

“Geração floco de neve: frágil ou narcisista?” **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJDTXqLskmJ/>.

“Geração X, Y, Z e Alfa: como cada uma se comporta e aprende”. **BEI Educação**. Disponível em: <https://www.beieducao.com.br/2021/03/09/geracoes-x-y-z-e-alfa-como-cada-uma-se-comporta-e-aprende/>.

“Geração Z: uma geração mimada?”. **Ipsos**, dezembro 2023. Disponível em: <https://www.ipsos.com/en/flair-collection/gen-z-snowflake-generation>.

“Jovens adultos que não sabem ouvir ‘não’...”. **Casa Pino**, dezembro 2017. Disponível em: <https://casapino.com.br/viver-bem/comportamento/geracao-floco-de-neve-jovens-que-se-ofendem-por-pouco/>.



“O mimimi da geração floco de neve”. **Mundo Lusiada**, abril de 2021. Disponível em: <https://www.mundolusiada.com.br/o-mimimi-da-geracao-floco-de-neve/>.

“O mito das gerações”, **Super-Interessante**, novembro 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/o-mito-das-geracoes/>).

“Você conhece a geração ‘Snowflake’?” **Gazeta do Povo**, março de 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/voce-conhece-geracao-snowflake/>.

Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2024. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, 2026. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html>.

Iael de Souza



Iael de Souza. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestra em Ciências Sociais pela Unesp/Marília. Graduada em Ciências Sociais pela antiga Fundação Santo André. Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), lotada no Departamento de Fundamentos da Educação. Pesquisadora do Núcleo de Estudo em Trabalho, Saúde e Subjetividade (NETSS), Unicamp e do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Ensino de História (NUPEAAH), UFPI/Picos. Autora dos livros: *Marx: muito prazer! Formação intelectual e militância político-social (1842 a 1848) – para iniciantes, vol. I (Lutas Anticapital)*; *Alguns escritos na quarentena da Sars-Cov-2 (Lutas Anticapital)*; *Formação omnilateral do ser social: trabalho, educação e sociabilidade capitalista, v. 1 (Lutas Anticapital)*; *Formação omnilateral do ser social: trabalho, educação e sociabilidade capitalista, v. 2 (Lutas Anticapital)*; *Populismo de esquerda ou organização popular revolucionária? (Lutas Anticapital)*; *Guerra entre nós, paz para os senhores! De aliados(as) a inimigos(as) (Lutas Anticapital)*; *Sociologia da educação: clássicos (Lutas Anticapital)*. Desenvolve pesquisa na área de trabalho, política, Estado, educação, formação de professores e organização popular numa perspectiva marxiana-leniniana, atuando principalmente nos seguintes temas: emancipação política e emancipação humana; socialismo e comunismo; organização de massas/popular; estratégia e táticas para transitar para a transição; trabalho e emancipação humana; luta de classes, partido, movimentos sociais; desvelamento da lógica e funcionalidade da sociabilidade capitalista e do Estado; sistema capital e seu sociometabolismo; políticas “públicas”-estatais em educação; formação de professores.

ARTIGOS DE Iael de Souza PUBLICADOS NO IHU

- O bom combate. Artigo de Iael de Souza
- S.O.S ao “Público”-Estatat! O fim do “Público”? Artigo de Iael de Souza
- Sobre a liberdade... Artigo de Iael de Souza

PUBLICAÇÕES DE Iael de Souza NO IHU

- Cadernos IHU ideias N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- Cadernos IHU ideias N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airtton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élica Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Amo Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODE – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmänn
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirceu Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLA-CIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N. 314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da humanização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstrosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutrya de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moisés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Elair Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella

- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olívia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Ferabolli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima
- N. 379 Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea - Luiz Marques
- N. 380 Dinamismo, mobilidade e juventudes - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 381 Realidades virtuais, danos aumentados, impactos reais - Elisa García Mingo e Jacinto G. Lorca
- N. 382 Povos indígenas e emergência climática: visibilidade, participação e reivindicações nas conferências climáticas da ONU - Carlos Machado de Freitas, Kleber Henrique da Silva Xucuru, Luiz Felipe Barboza Lacerda, Sineia Bezerra do Vale e Suliete Gervásio Monteiro Baré
- N. 383 Considerações sobre o sionismo - Rodrigo Karmy Bolton
- N. 384 Tecnofeudalismo e colonialismo digital: um olhar a partir do Sul Global - Mardochee Ogécime
- N. 385 Fascismo tardocapitalista: retrotopia e aceleracionismo - Sandro Chignola
- N. 386 Austeridade, desigualdade e o enfraquecimento do Estado Democrático e Social de Direito - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 387 Etnocracia e limpeza étnica. No coração do pós-fascismo - Donatella di Cesare
- N. 388 O campo quântico e os horizontes do real - Rodrigo Petronio
- N. 389 Reflexões sobre uma controvérsia: a recepção de Nietzsche pelo fascismo - Alberto Giacomelli
- N. 390 O Bem Viver e a multinormatividade democrática como resistência ao direito autárquico do tecnofeudalismo - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 391 Introdução à Teoria Gerativa - Rodrigo Petronio
- N. 392 Ricochete nihilista: Joy Division - Mark Fisher
- N. 393 Paradigma tecnocrático em cesuras e o espaço geográfico no reino da economia global - Guilherme Tenher Rodrigues
- N. 394 Trans:humanismo (H-) e Audiovisual - Rodrigo Petronio, Bianca Ayuri, Eduardo Ferraz, Guto Escobar, Luca Scupino Oliveira e Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides
- N. 395 O Estado como agência reguladora do crime? - Jacqueline Muniz
- N. 396 É preciso sair da ilha para vê-la: uma jornada de desconstrução sionista - Bruno Hendler
- N. 397 Simondon Cósmico - Gilbert Simondon e Thiago Novaes

 UNISINOS